A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO IDOSO

Cinara Mendonça de Sousa[1]
Elisa Alves[2]

RESUMO

A presente pesquisa visou a estudar as representações sociais das pessoas sobre a velhice, o idoso e o envelhecimento enquanto processo. Foram entrevistadas na Instituição "Conviver" 10 pessoas (idade mínima de 56 anos e máxima de 79 anos) e 5 funcionários desta. Estas pertenciam a grupos residentes na cidade de Rio Verde. Os questionários foram analisadas com ajuda do computador (Excel) de análise quantitativa de dados textuais. Os resultados apontam para três tipos de representação social do envelhecimento: A primeira diz respeito à Imagem Social do idoso, a segunda aborda a Representação Social sobre a fase da terceira idade, e a terceira categoria de análise diz respeito à Auto-Imagem do idoso.

Palavras-chave: Representações sociais; terceira idade, auto-imagem.

ABSTRACT

To present research he/she sought to study the people's social representations on the age, the senior and the aging while I process. They were interviewed in the Institution " to Live together " 10 people (minimum age 56 years old and 79 year-old maxim) and 5 employees of this. These belonged to resident groups in the city of Green Rio. The questionnaires were analyzed with help of the computer (Excel) of quantitative analysis of textual data. The results appear for three types of social representation of the aging: The first concerns the senior's Social Image, Monday approaches the Social Representation on the phase of the third age, and the third analysis category concerns the senior's Solemnity-image.

Word-key: Social representations; third age, solemnity-image.

Nos últimos anos, a sociedade (tanto em âmbito mundial como nacional), tem passado por processo de envelhecimento, no que se refere a sua estrutura etária. Nunca na história houve uma tamanha proporção de idosos na população. Tal fenômeno se origina dos

[1] Acadêmica(o) do Curso de Psicologia da Fesurv – Universidade de Rio Verde, Rio Verde – GO.
[2] Orientadora: Profª Ms. do Curso de Psicologia da Fesurv – Universidade de Rio Verde, Rio Verde – GO.

inúmeros avanços ocorridos nas áreas de saúde (seja da medicina à psicologia), que prolongaram a expectativa de vida. Viver por muitos anos não é mais exclusividade de poucos, mas de grande parte da população.

A partir dos anos 80, o envelhecimento populacional tem-se tornado um fenômeno que atinge grande parte do mundo, tanto em países desenvolvidos quanto nos países em desenvolvimento (OMS, 1984). Segundo Berquó (1996), no Brasil, por exemplo, a população maior de sessenta e cinco anos atingiu, no ano 1991, mais de sete milhões de pessoas e estima-se que entre os anos 2010 e 2020 a taxa de crescimento de indivíduos dessa faixa etária seja de 3,80, o que comparando-o com a taxa de 1991-2000 (de 2,25), representará um aumento considerável. No entanto, em muitas regiões, ainda se rejeita o idoso, seja de maneira direta ou indireta. Esse prolongamento do tempo de vida das pessoas tem suscitado inúmeros questionamentos acerca de como estará sendo compreendido o envelhecimento humano dentro das sociedades atuais. A sociedade brasileira não parece estar preparando seus cidadãos para esse processo (SANTOS, 1990; VELOZ; SCHULZE e CAMARGO, 1999).

Chaves (1995), enfatiza que o envelhecimento da população é um fenômeno observado em todos os países. Com os progressos médicos e a melhoria das condições de vida, desde a Segunda Guerra Mundial, o número de pessoas com mais de sessenta anos aumenta de ano para ano.

A velhice é um processo pessoal, natural, indiscutível e inevitável para o ser humano. Nesta fase ocorrem mudanças biológicas, fisiológicas, psicossociais, econômicas e políticas que integram o quotidiano das pessoas.

O envelhecimento pode assim ser apreendido a diversos níveis. A nível biológico, porque os estigmas da velhice traduzem-se com a idade por um aumento das doenças, por modificações do aspecto – a forma de se deslocar, aparecimento de manchas e rugas na pele. A nível social, com a mudança de estatuto com a passagem à reforma. A nível psicológico, com as modificações das atividades intelectuais e motivações. A nível funcional, necessidade de apoio para desempenhar as atividades básicas da vida diária.

Segundo Veloz, Schulze e Camargo (1999) O problema é compreender quais são os elementos mais salientes na familiarização que diferentes grupos têm com o envelhecimento, tendo em consideração não só indivíduos propriamente idosos (acima de sessenta anos), mas também, pessoas que se encontram próximas dessa condição, quer dizer, entre cinqüenta e sessenta anos.

Existem diferentes representações sociais sobre o envelhecimento? Se sim, quais são suas diferenças de conteúdo? Conforme pesquisas de representações sociais realizadas no

Brasil (DEBERT, 1996; MEDRADO, 1994; SANTOS, 1990), ainda se desvaloriza a condição de idoso. Mesmo entre as pessoas acima de sessenta anos, as percepções das perdas, das incapacidades e das doenças são aspectos salientes das representações da velhice. No entanto, dentro da Gerontologia Social têm sido propostos alguns modelos teóricos multidimensionais que analisam a relação entre as perdas e os ganhos, durante a última fase da vida. Esses modelos colocam que, apesar do envelhecimento continuar sendo representado na base de perdas, as pessoas idosas têm muitas capacidades de reserva que ficam sem ser exploradas, quer dizer, ganhos que passam desapercebidos e, em conseqüência, não são valorizados.

O envelhecimento é um fenômeno biológico, psicológico e social que atinge o ser humano na plenitude de sua existência, modifica a sua relação com o tempo, o seu relacionamento com o mundo e com sua própria história. O relacionamento do idoso com o mundo caracteriza-se pelas dificuldades adaptativas, tanto emocionais quanto fisiológicas; a sua performance ocupacional e social, o pragmatismo, a dificuldade para aceitação do novo.

O equilíbrio psíquico do idoso depende basicamente da sua capacidade de adaptação à sua existência presente e passada e das condições da realidade que o cercam. Assim sendo, as representações sociais do envelhecimento e da velhice em pessoas idosas forem sustentadas principalmente com base na noção de declínio, isto teria conseqüências negativas não só para a conduta delas, diante desse processo, mas também para aquelas pessoas que ainda não são idosas.

Portanto, as representações sociais são produzidas pelas interações e comunicações no interior dos grupos sociais, refletindo a situação dos indivíduos no que diz respeito aos assuntos que são objeto do seu cotidiano. Nas palavras de Jodelet (1989), as representações sociais são um saber prático.

Na atualidade é possível perceber que a expectativa média de vida vem sofrendo um acréscimo. Isto se dá, devido à melhora da qualidade de vida, prática de atividades ou de exercícios físicos serve para prevenir doenças e, obviamente, não só em pessoas idosas.

Assim, para se obter essa qualidade de vida é necessário que haja um equilíbrio e um bem-estar entre o homem como ser humano, a sociedade em que vive e as culturas existentes.

Vários são os aspectos sociais que influenciam no bem estar do idoso. Estes aspectos, portanto, podem influenciar a vida do idoso tanto de maneira positiva quanto de maneira negativa, na medida em que são manifestados através das opiniões, atitudes, imagens e concepções da sociedade em relação aos mesmos.

O conceito de qualidade de vida está relacionado à uma gama de fatores, dentre os quais temos: a auto-estima e ao bem-estar pessoal. Assim, acaba por abranger uma série de aspectos como a capacidade funcional, o nível socioeconômico, o estado emocional, a interação social, a atividade intelectual, o autocuidado, o suporte familiar, o próprio estado de saúde, os valores culturais, éticos e a religiosidade, o estilo de vida, a satisfação com o emprego e/ou com atividades diárias e o ambiente em que se vive.

As habilidades sociais são fundamentais para que a pessoa viva melhor em sociedade, possibilitando a sobrevivência do indivíduo e da espécie, por meio delas, aprendem-se formas de comunicação e regras para convívio, adquirindo conhecimento acerca de si e do mundo e dando-lhe significação, é possível construir uma identidade. Embora, na velhice, já tenham sido aprendidas muitas habilidades de que se necessite para bem viver, o contato com outras pessoas mantém-se imprescindível em qualquer época da vida.

Portanto, na vida adulta, adulto jovem, meia-idade e velhice, há pressões sociais exercem grande influência, ou seja, comportamentos socialmente aprovados, papéis apropriados e esperado em diferentes idades, vinculando-se além da idade à gênero, estado civil e profissão (ERBOLATO, 2001).

Para Resende, Bones, Souza e Guimarães (2006), citando Erbolato (2001), os relacionamentos sociais são interações freqüentes, com certa durabilidade no tempo e certo padrão. Abrangem sentimentos positivos e negativos, percepção de si e do outro, diferentes graus de envolvimento afetivo e intermináveis intercâmbios. Segundo Nogueira (2001), relações sociais significativas permitem o desenvolvimento do *self*, dão sentido às experiências e podem oferecer apoio, importantes elementos no processo de adaptação, principalmente em momentos de transição da vida adulta.

Em suma, atualmente divulgou-se a seguinte ótica: viver muito e com qualidade. Encontra-se, então, o ponto chave de toda a questão: qualidade de vida na senescência.

Será abordada nesta pesquisa, a representação social sobre a terceira idade. Para realizar-se esta abordagem, conceituaremos a seguir o termo representação mediante concepções psicológicas e sociais.

A representação segundo Jodelet (1998, pp. 30-31):

> É uma atividade mental orientada para a prática, ou seja, o princípio que serve de guia da ação concreta sobre os homens e as coisas visando à sistematização de saberes pragmáticos e, através da comunicação, agente da criação de um universo mental consensual.

Percebemos, portanto, que esta atividade mental é orientada para a prática na medida em que é construída através das diversas relações de comunicações sociais e dos seus discursos. Para Silva (1995), a representação é um processo de significação social de conhecimento, produzida nas relações sociais de poder e que opera através do estabelecimento de diferenças.

Diante do exposto, as representações têm caráter coletivo, constituídas por diferenças entre grupos. Elas são misturas de conceitos, imagens e percepções compartilhadas e transmitidas por um número significativo de pessoas e de uma geração a outra.

Pelo apresentado, torna-se evidente, quanto é importante o estabelecimento do individuo dentro de um contexto social, para o aumento em sua qualidade de vida, não se restringindo apenas a família, mas a amigos e sociedade como um todo. È dentro deste panorama, que se estabelece a importância dos estudos relacionados a "representação social na velhice".

As representações sociais se qualificam através das interações e comunicações no interior dos grupos sociais, refletindo a situação dos indivíduos no que diz respeito aos assuntos que são objeto do seu cotidiano, podendo ser caracterizados como um saber prático. A função essencial dela, para aqueles que representam, é tornar aquilo que não é familiar em algo familiar, próximo e prático.

Como todo fenômeno psicológico, as representações sociais encontram-se influenciadas por um grande numero de fatores, tanto intrínsecos quanto extrínsecos ao individuo em questão. Assim, para a análise destas representações devemos levar em consideração desde a condição social, ate o estado patológico do individuo. Admitindo-se, a grande ocorrência de patologias nesta fase da vida, é grande o peso de doenças como a depressão e desgaste do corpo, na determinação da representação social.

Conforme Pereira de Sá (1993, p. 28):

> A compreensão de representação social está inserida em uma concepção de "sociedade pensante" na qual os indivíduos não são apenas processadores de informação, nem meros "portadores" de ideologias ou crenças coletivas, mas pensadores ativos que, mediante inumeráveis episódios cotidianos de interação social, "produzem e comunicam incessantemente suas próprias representações e soluções específicas para as questões que se colocam a si mesmos.

Entre as representações construídas sobre o idoso, as negativas se sobressaem às positivas. A representação do idoso como inútil, incapaz, dependente, "ranzinza" e outros atributos pejorativos, são mais associados aos idosos do que a imagem positiva – bondoso, prestativo, experiente, sábio, etc. – do mesmo.

Percebemos que para o idoso, a imagem que a sociedade faz, é muito importante. Porém, a imagem estará sempre atrelada ao ajustamento do mesmo na sociedade. E esse ajustamento, bem como a satisfação na terceira idade é uma preocupação extremamente relevante quando se trata da saúde integral do idoso.

No Brasil, o crescimento da população idosa tem despertado o interesse de profissionais para o desenvolvimento de pesquisas que abordem essa temática. Nota-se preocupação, ainda, com a necessidade de formação e capacitação de recursos humanos, fundamentada no cuidar gerontológico, para atender aos idosos, também denominados anciões, velhos ou grupo da terceira idade, para que essa fase de transformação se dê de forma digna, mesmo diante dos desafios enfrentados pela sociedade brasileira contemporânea. Os valores atribuídos a essas pessoas dependem do contexto social e cultural de cada civilização.

Portanto, a cultura é uma influência importante na experiência do envelhecimento. Ela afeta as percepções da velhice, os sentimentos de papéis, direitos, e responsabilidades, assim como os sistemas de cuidado e apoio aos idosos.

A proposta deste estudo é abordar a representação social como construção histórica que se desenvolve na família, instituição e em diversos grupos sociais, como uma forma de buscar a essência do "idoso" em nossa sociedade.

Participantes

Selecionamos os participantes dessa pesquisa com base em dois critérios: a diferenciação de suas experiências, práticas sociais e projetos de vida, e um segundo elemento, que hipotetizamos, poderia propiciar configurações interessantes à representação da velhice: a diversificação de idades. Incluiu-se nessa amostra 5 pessoas que não são idosas, sendo funcionários da instituição e dez são idosos na faixa etária de cinqüenta e seis a setenta e nove anos . Esse critério, no caso do primeiro grupo, apresenta particular relevância por que, como assinala Debert (1996), Hoje, muitos dos idosos são pessoas que enfrentam de um lado a perda de papéis sociais à qual nem sempre conseguem adaptar-se e de outro, uma sociedade que ainda tem uma imagem do idoso como uma pessoa muito vulnerável.

Participaram dessa pesquisa 15 pessoas, dez delas consideradas pessoas idosas (sessenta anos ou mais) e 5 não são idosos. Os participantes pertencem a grupos socialmente diferentes entre si.

O primeiro grupo foi formado por 5 funcionários da Instituição "Conviver" e 10 idosos são freqüentadores desta . Suas idades variavam entre cinqüenta e seis e setenta e nove

anos. São pessoas com uma história de vida muito ligada ao trabalho doméstico.Segundo Erbolato (2001) citado por Resende, Bonés, Souza e Guimarães (2006) na vida adulta, adulto jovem, meia-idade e velhice, há pressões sociais exercem grande influência, ou seja, comportamentos socialmente aprovados, papéis apropriados e esperado em diferentes idades, vinculando-se além da idade à gênero, estado civil e profissão A idade está associada às mudanças normativas de comportamento, esperadas e freqüentemente antecipadas e planejadas, que exigem igualmente mudanças no autoconceito, incorporação de novos papéis sociais e requerem adaptações.

Nesse grupo, 5 pessoas são funcionários da instituição.O segundo grupo 100% do total dos idosos mantém algum tipo de trabalho na instituição e em casa. Escolhemos esse subgrupo para participar da presente pesquisa, pois supomos que, em função dos trabalhos que essas pessoas fazem, elas tratariam a temática do envelhecimento de um modo especial. Todos tinham idades entre cinqüenta e seis e setenta e noventa e anos. O critério de escolha desse grupo deve ao fato de que a instituição garante as condições físicas e psicossociais de conforto aos idosos, o que a nosso ver poderia influenciar nas representações que essas pessoas têm do envelhecimento.

Instrumento

Com o objetivo de obtermos o material verbal que indicasse as representações sociais do envelhecimento, da velhice e do idoso foi utilizada a técnica de questionário fechado em situação individual. Essas questões contemplam os três principais elementos que, nesse estudo, compreendem o envelhecimento:à Imagem Social do idoso, a Representação Social e à Auto-Imagem do idoso.

Procedimentos de análise dos dados

Os 15 questionários foram respondidos. Utilizou-se o Programa do Excel para a análise dos dados.

RESULTADOS

Serão apresentados a seguir, os resultados obtidos através da pesquisa de campo, dados coletados dos funcionários da Instituição Conviver.

A partir dos resultados apresentados na figura 1, observa-se que 45% das pessoas referem-se à velhice como uma etapa da vida, enquanto que 11% consideram que é uma etapa final da vida, porém, 22% dos outros entrevistados consideram que é uma fase da vida onde muitos sonhos foram realizados.

Nesta figura 2, os resultados mostram que 32% dos selecionados responderam que as características psicológicas dos idosos revelam uma experiência de vida acentuada, e outros 15% acreditam que a característica psicológica dos idosos implica em sofrimento, também 15% consideram uma característica dos idosos, a realização em relação à vida, e em seqüência 15% dos entrevistados apontam que a característica psicológica dos idosos é a solidão e outros 15% é de carência. Assim então, somente 8% consideram como características psicológicas dos idosos o esforço.

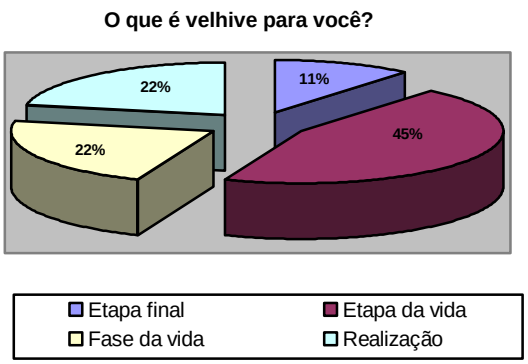

FIGURA 1 – Conceito de velhice

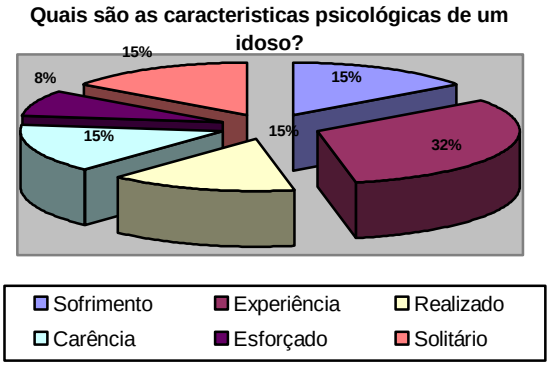

FIGURA 2 – Características psicológicas de um idoso

Nota-se através da figura 3, que 39% dos entrevistados concordam que a alteração capilar é mais presente na característica física do idoso, do que a atrofia muscular com 23%, e 38% concordam que as rugas faciais são outra forte característica do idoso.

Foi observado através dos dados na figura 4, que 40% dos entrevistados afirmaram que o idoso é respeitado na sociedade, e 20% afirmaram que mesmo assim os idosos são discriminados e tratados com indiferença por algumas pessoas, e 20% concordam que eles são conscientizados do fim da etapa final da vida.

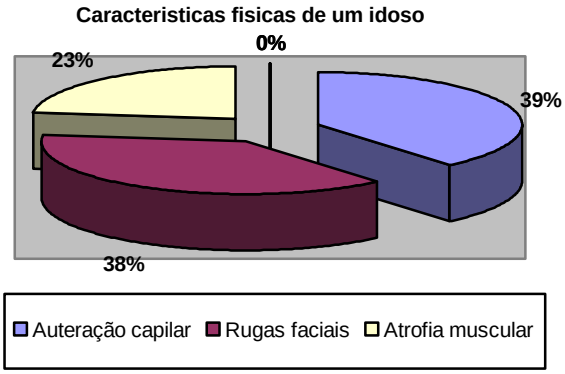

FIGURA 3 – Características físicas de um idoso

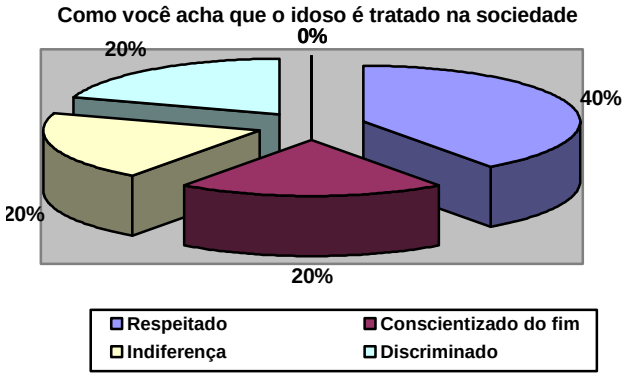

FIGURA 4 – Tratamento do idoso na sociedade

Na figura 5, trinta e sete por cento (37%) dos entrevistados reconhecem que a velhice nos dias de hoje, traz mais benefícios em comparação com o passado, como por exemplo, nas preferências sociais dadas aos idosos, como o fato de não terem que enfrentar fila. Outras porcentagens surgidas na questão relacionada aos benefícios da velhice foram 18%, no transporte gratuito, 18% aposentadoria por tempo de trabalho e 18% consideram a si próprios como modelos de vida a serem seguidos e 9% reconhecem que têm muitos a compartilhar de suas experiências.

Na figura 6, vinte e quatro por cento (24%) dos entrevistados concordam que a chegada da velhice, vem acompanhada de alguns malefícios, pois os idosos são dependentes das pessoas mais jovens e falta motivação para viver. E treze por cento (13%) concordam que a doença os torna incapazes de exercer qualquer atividade.

Diante de todos esses aspectos citados, os idosos sentem um forte desamparo.

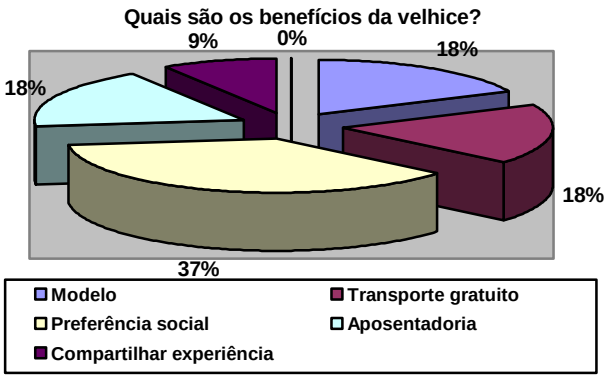

FIGURA 5 – Benefícios da velhice

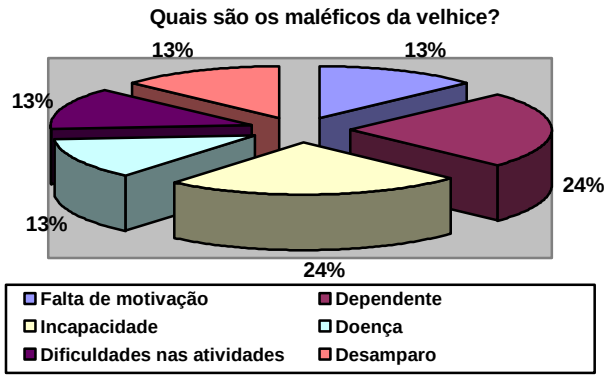

FIGURA 6 – Malefícios da velhice

Na figura 7, constatou-se através dos resultados que 100% dos funcionários da Instituição “Conviver”, têm fora do trabalho, convivência positiva com outras pessoas idosas.

Na figura 8, foi possível observar que para 70% a solidão pesa, enquanto que para 30% não pesa.

FIGURA 7 – Convívio com outras pessoas idosas

FIGURA 8 – Você acha que a solidão pesa na terceira idade?

A figura 9 apresenta que, os participantes têm uma expectativa bastante diversificada da fase da terceira idade. Neste, 34% responderam que sua expectativa é de uma pessoa realizada. Outros 22% têm uma expectativa de alguém que se sente gratificado, outros 22% esperam que a terceira idade traga independência e 11% esperam que na terceira idade as pessoas sejam vencedoras.

Na figura 10 foi possível identificar que 49% não sentem preocupação ou insegurança, enquanto que 17% sentem insegurança ou preocupação, os demais responderam que sentem preocupação e sentimento de culpa.

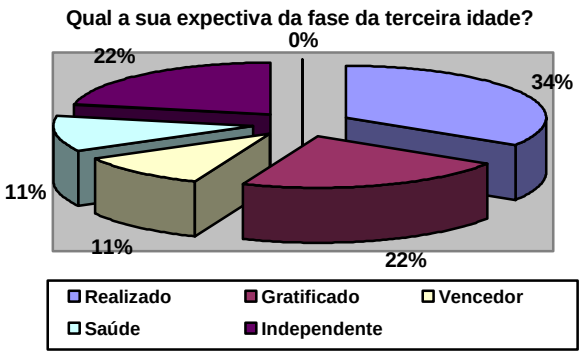

FIGURA 9 – Expectativa na terceira idade

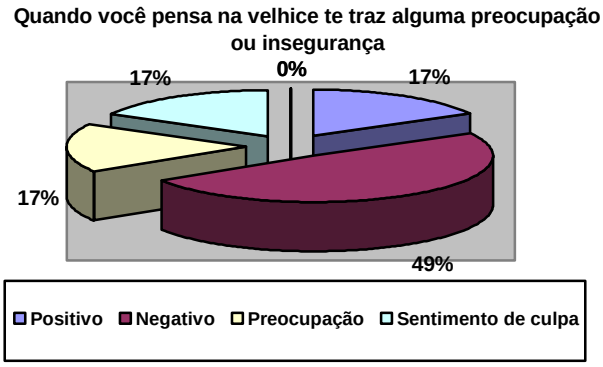

FIGURA 10 – Quando você pensa na velhice lhe traz alguma preocupação ou insegurança

Dados coletados dos idosos

Na figura 11, os resultados apresentam que 100% dos participantes (entrevistados) moram com sua família.

Na figura 12, em relação ao relacionamento familiar, verificou-se que 50% afirmaram ser ótimo, 30% afirmaram ser, muito bom e, outros 20% identificarem que é bom o seu relacionamento com a família.

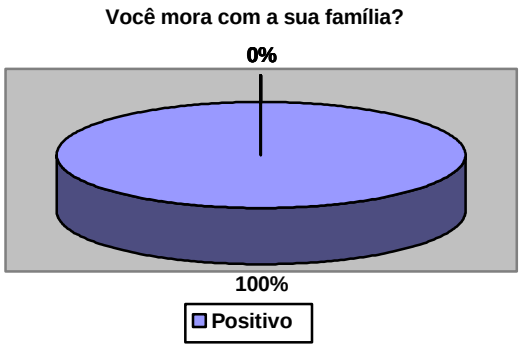

FIGURA 11 – Moram com a família

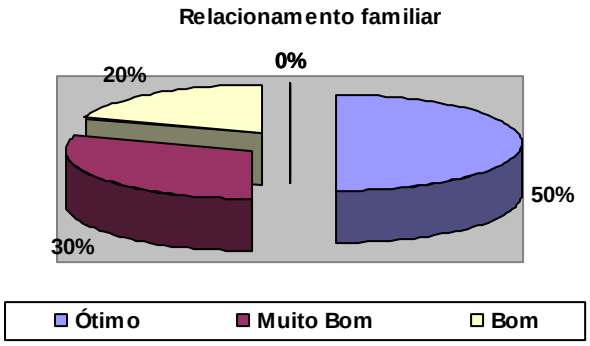

FIGURA 12 – Relacionamento com a família

Na figura 13, contatou-se que 80% responderam sim, que sofrem de algum tipo de doença, enquanto que os demais 20% responderam que não sofrem doenças.

Na figura 14, atividades diárias (cotidianas), nos resultados obtidos há predominância de 57% para atividades de artesanato, 25% para as atividades domésticas e 6% para hidroginástica e medicamentos fitoterápicos.

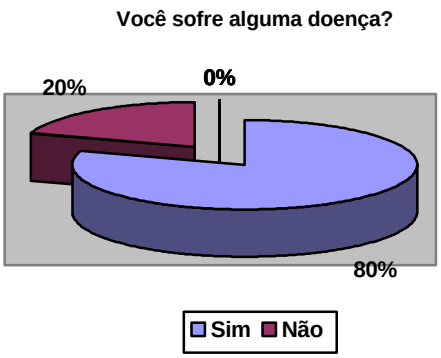

FIGURA 13 – Acometimento de doenças

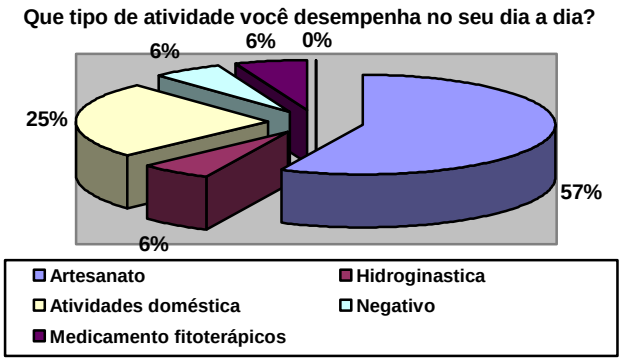

FIGURA 14 – Atividades desempenhadas no dia a dia

Na figura 15 é apresentado que 40% dos entrevistados estão com idade de 68 a 73, enquanto que 30% têm de 56 a 61 anos, os 20% tem de 56 a 61 os outros 10% tem de 62 a 67 anos.

Na figura 16, os resultados apresentam que 33% dos participantes afirmam que a vida do idoso é cheia de sofrimento, 7% relacionaram a vida do idoso nos dias atuais à falta de motivação e solidão. 13% relacionaram ao lazer, 20% afirmou ser boa e, outros 20% ressaltaram que há muitas dificuldades nos dias de hoje.

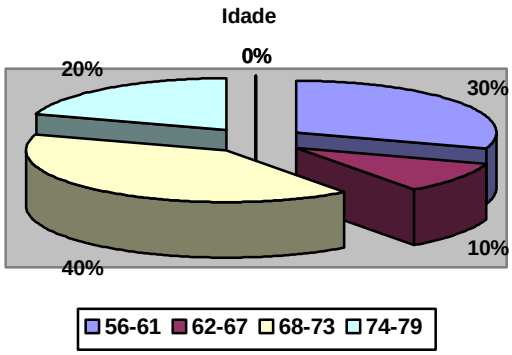

FIGURA 15 – Idade

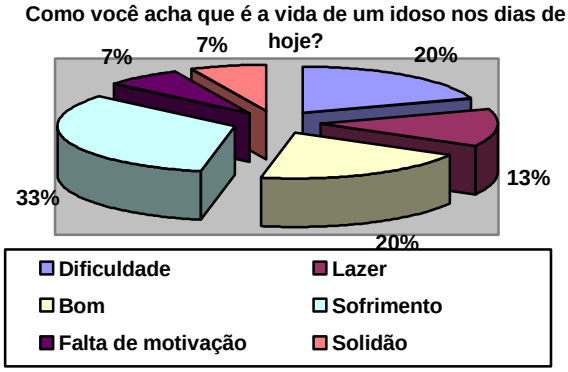

FIGURA 16 – A vida de idosos nos dias de hoje

Na figura 17, a questão relacionada às sensações e sentimentos trazidos pela terceira idade, destacou-se 40% para a falta de motivação, 20% discriminação, 10% felicidade, porém vale ressaltar que 30% afirmaram ter o sentimento de tristeza.

Na figura 18 os resultados revelaram que 50% não sofrem discriminação social, porém houve igualdade nas respostas positivas, de 25% que afirmam sofrerem de discriminação social e que está é feita pelos jovens.

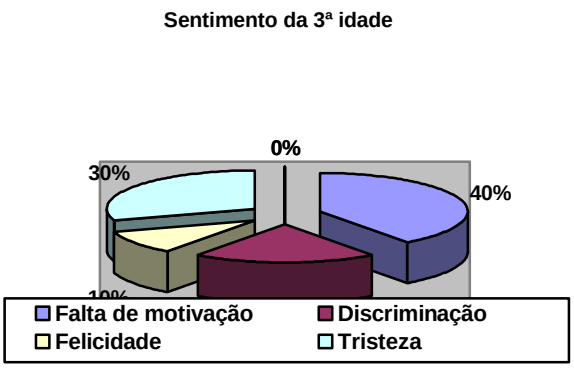

FIGURA 17 – Sensações e sentimentos relacionados à terceira idade

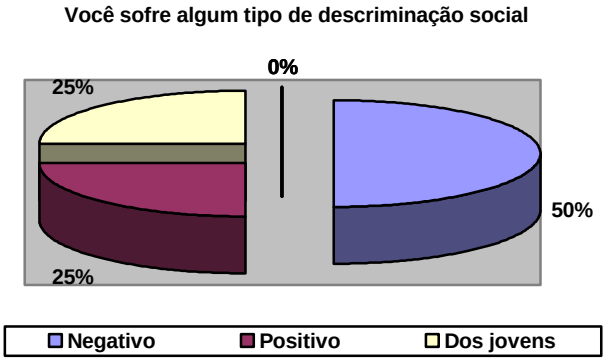

FIGURA 18 – Discriminação social

Na figura 19, há uma diferença acentuada entre os entrevistados, pois 83% afirmam terem uma vida ativa, enquanto que apenas 17% afirmam que não.

A figura 20 identificou que 60% dos entrevistados afirmaram que não são felizes, enquanto que 40% responderam que sentem se felizes.

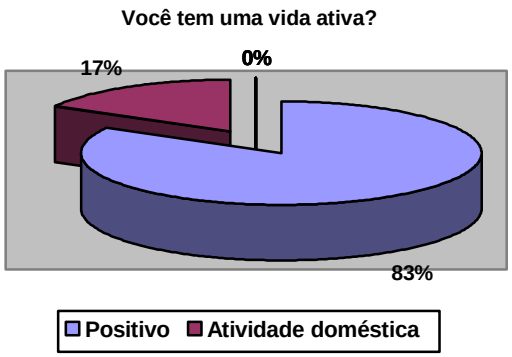

FIGURA 19 – Vida ativa

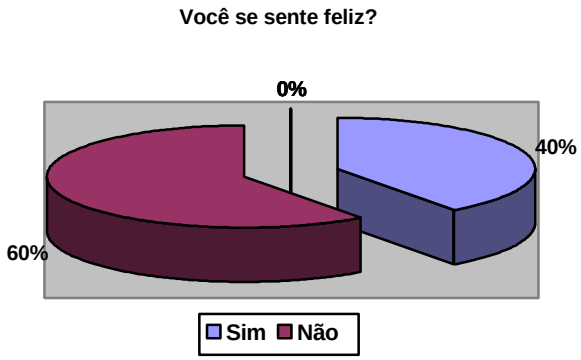

FIGURA 20 – Você se sente feliz?

DISCUSSÃO

Através da análise dos dados coletados e apresentados anteriormente, foi possível identificar três categorias da mesma.

A primeira diz respeito à Imagem Social do idoso, a segunda aborda a Representação Social sobre a fase da terceira idade, e a terceira categoria de análise diz respeito à Auto-Imagem do idoso.

A imagem social do idoso

Esta categoria surgiu, no momento em que na análise das respostas dos funcionários da Instituição Conviver, as características físicas e psicológicas estavam em sua maioria relacionadas a aspectos negativos.

Nas características físicas, as relações feitas foram à calvície, rugas e perda de massa muscular, e nas características psicológicas, a maioria das respostas foi relacionada à solidão e carência.

Segundo Schilder (1999), a imagem que fazemos do nosso corpo é uma representação mental. Porém, este mesmo autor afirma que a imagens também são construídas socialmente, quando associamos as imagens aos padrões estabelecidos pela sociedade.

Geralmente os objetos que compõem esses padrões são carregados de significados, assim como uma bengala no imaginário social, é sinônimo de velhice.

Nas respostas dos participantes, ficou claro o padrão social da imagem do "ser" idoso. Os participantes poderiam ter relacionado às características físicas e psicológicas à imagens menos pejorativas, porém, as resposta sempre demonstravam uma imagem "feia" do idoso.

Conforme Monteiro (2002, p.91):

> Esse é um problema verificado com relação aos velhos. O seu corpo anuncia aos outros não somente aspectos físicos em decorrência de mudanças biológicas, mas também atributos negativos que se encontram estampados no imaginário das pessoas com relação à velhice.

Todos os participantes que trabalham na instituição pesquisada afirmaram ter convivência com pessoas idosas fora da instituição, portanto, todos têm condições de descreverem a imagem que se faz do idoso na sociedade. Apesar de todos terem um convívio, dentro e fora da instituição, com idosos, e verem a experiência como um benefício advindo com a terceira idade, associam aspectos negativos aos mesmos.

Segundo Araújo (2001, p.2):

> Repensar a velhice de forma a ressaltar as suas virtudes, potencialidades e características é promover a longevidade saudável do idoso. Desta forma, subentende-se que o contrário acarretará conseqüências negativas no envelhecimento social da população.

Portanto, a imagem social do idoso é um fator preponderante no auxílio de uma visão mais positiva do idoso e até mesmo na qualidade de vida do mesmo.

A representação social sobre a fase da terceira idade

Esta categoria surgiu em decorrência da primeira, quando na análise verificamos que em relação à expectativa das pessoas mais jovens em relação à fase da terceira idade, é possível verificar que as respostas denotam também a imagem que se tem na sociedade sobre o que é estar nesta fase. Portanto, esta categoria está intimamente relacionada à primeira.

Os participantes responderam que esperam ter independência, vitória, saúde e realização se contradizendo com respostas de outra questão da categoria anterior citada acima, nas quais os mesmos relacionam a terceira idade à dependência, falta de motivação e doença.

Isto evidencia que a representação que se tem na sociedade sobre a fase da terceira idade também é negativa.

Conforme Schilder (1999), os padrões sociais estabelecidos, ou que podemos também chamar de paradigmas, influenciam nosso próprio conceito sobre as coisas, mesmo que não seja o correto. Pois se o que em uma sociedade é padrão, pode não ser em outra, o que mostra que este é um conceito totalmente subjetivo e relativo.

Monteiro (2002), afirma que existe um modelo social de velhice que faz com tanto os idosos quanto à própria população se acomode com as características associadas à velhice como sendo algo "normal" nesta fase. As pessoas acabam aceitando passivamente este modelo e na maioria das vezes, adotam para si esta postura.

O mesmo autor citado acima, afirma que:

> Essas idéias (imagens) – fundamento de nossos conceitos – que compartilhamos com os outros seres humanos em busca de referências para a nossa realidade são idéias que se desdobram em ação no corpo, formando nossos padrões de conduta. É interessante notar que a palavra *conduta* significa "comportamento", "procedimento" (MONTEIRO 2002, p. 88).

Sendo assim, nossa conduta, comportamento e procedimento são frutos de idéias que compartilhamos com os outros em busca de referenciais que formarão nossas próprias idéias, porém, não desvinculadas da conduta social.

Diante, portanto, do exposto acima, constatou-se que a representação social sobre a fase da terceira idade, assim como a imagem social do idoso está intimamente relacionada a aspectos negativos. A partir das respostas podemos definir então que o idoso no imaginário social é uma pessoa calva, fraca fisicamente e, cheia de rugas. E a representação social desta fase está relacionada à solidão, carência, dependência, doença e falta de motivação na realização de tarefas.

A auto-imagem do idoso

Esta categoria surgiu como fruto das duas categorias anteriores, e também em resposta aos objetivos desta pesquisa.

A partir da análise das respostas dos próprios idosos, foi possível constatar que apesar de muitas respostas terem sido positivas no que diz respeito ao convívio familiar, e à discriminação social, ainda houve uma porcentagem significativa de respostas negativas.

Os participantes relacionaram a vida dos idosos nos dias de hoje a sentimentos como sofrimento, solidão, falta de motivação e outras dificuldades, reforçando estes mesmos sentimentos na questão sobre as sensações e sentimentos que a terceira idade trouxe, acrescentando discriminação e tristeza. Na questão sobre discriminação social 20% afirmaram sofrerem e principalmente por parte dos mais jovens. Diante disto, foi possível realizar uma análise sobre à auto-imagem dos mesmos.

Quando afirmamos que esta categoria surgiu como conseqüência das anteriores, é devido ao fato de que tanto a imagem social do idoso, quanto a representação social sobre a fase da terceira idade, influenciam na auto-imagem do mesmo.

Schilder (1999), afirma que é tão importante o que os outros pensam sobre nós quanto o que nós próprios pensamos. Desta forma, qualquer tipo de atitude, pensamento ou conceito que os outros façam sobre nós, influenciará diretamente o que nós próprios pensamos.

Esta afirmação se confirma na medida em que as sensações descritas pelos idosos são as mesmas descritas pelos funcionários da instituição, sem que um grupo de participantes soubessem das respostas do outro grupo.

Conforme Schilder (1999), imitamos os outros, incorporamos imagens alheias dentro de nossa própria imagem, tentando modifica-la. A qualidade de todo grupo social baseia-se na imitação mútua. Necessitamos dos modelos e é nesse processo que são construídos os modelos de nós mesmos. Nos descobrimos através da observação dos outros, como também através das observações dos outros a respeito de nós mesmos.

Constatou-se, portanto, que a auto-imagem dos idosos ainda é negativa e está vinculada ao que a sociedade pensa.

CONCLUSÃO

Através desta pesquisa, foi possível concluir que as hipóteses formuladas a priori estavam corretas, pois a imagem que a sociedade faz do idoso e da fase da terceira idade vem carregada de estigmas e significados negativos que influenciam e reforçam a auto-imagem também negativa dos próprios idosos.

Faz-se necessário, portanto, refletir sobre o conceito de velhice e seus significados sociais, pois ser jovem ou ser velho, são apenas pontos de referência, recortes do tempo que compartilhamos com o outro a fim de nos localizarmos no tempo e no espaço em que vivemos.

O idoso não quer ficar a deriva. Todos nós precisamos de relacionamentos sadios que favoreçam a construção do conhecimento que tanto dependemos para dar continuidade à nossa caminhada na vida.

O ser humano é um ser gregário, portanto, necessita de aceitação e reconhecimento. Queremos estar assegurados de que ocupamos lugar no mundo. A angústia de ser velho está associada ao medo da segregação e do isolamento.

As crenças a respeito da terceira idade, ainda hoje, são crenças silenciosas, formadas por um conjunto de imagens negativas, como foi constatado nesta pesquisa, e essas imagens fazem parte de cada um de nós, na medida em que, compartilhamos as mesmas sem questionar.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, K. B. G. **O resgate da memória no trabalho com idosos:** o papel da educação física. Dissertação de Mestrado. Campinas: Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 2001.

BERQUÓ, E . Algumas considerações sobre o envelhecimento da população no Brasil. Em Ministério da Previdência e Assistência Social (Org.), **Anais...** do I Seminário Internacional. Envelhecimento populacional: uma agenda para final de século. Brasília, DF, 1996.

CHAVES, Inês. Assistente Social do Centro Hospitalar de Lisboa (Zona Central) – Hospital Santo Antônio dos Capuchos – Serviços de Neurocirurgia e Neurologia, Licenciada em Serviço Social no Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa 1995-2000, Mestranda em Cuidados Paliativos 2ª Edição – Faculdade de Medicina de Lisboa (Fase de elaboração da Dissertação). http://www.cpihts.com/PDF02/In%C3%AAs%20Chaves_01.pdf

DEBERT, G. G. **As representações sociais (estereótipos) do papel do idoso na sociedade atual.** Em Ministério da Previdência e Assistência Social (Org.), Anais do I Seminário Internacional. Envelhecimento populacional: uma agenda para final de século. Brasília, DF, 1996.

ERBOLATO, R. M. P. L. **Contatos sociais: relação de amizade em três momentos da vida adulta.** Tese (Doutorado em Psicologia). Campinas, SP: Centro de Ciências da Vida: PUCCAMP, 2001.

JODELET, D. A alteridade como produto e processo psicossocial. In: **Representando a alteridade.** Petrópolis: Vozes, 1998.

MEDRADO, B. D. **Caindo prá idade:** A vivência da velhice em um contexto rural nordestino. Dissertação de mestrado não-publicada. Curso de Psicologia. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, PE, 1994.

MONTEIRO, P. P. **Envelhecer:** historias, encontros e transformações. Belo Horizonte, MG: Ed. Autêntica, 2002.

NOGUEIRA, E. J. **Rede de relações sociais:** um estudo transversal com homens e mulheres pertencentes a três grupos etários. Tese (Doutorado em Educação). Campinas, SP: Faculdade de Educação: UNICAMP, 2001.

RESENDE, M.C de; BONES, V.M.; SOUZA, I.S.;GUIMARÃES, N.K. **Rede de relações sociais e satisfação com a vida de adultos e idosos.** Periódico: Psicologia América Latina.

Cidade: México número: 5 data: fev. 2006. Disponível em: cpid=S1870-350X2006000100015&script=sci_arttext acesso em: 01/04/2007.

SANTOS, M.F.S. **Identidade e aposentadoria.** São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1990.

SCHILDER, P. **A imagem do corpo:** as energias construtivas da psique. Trad. Rosanne Wertman. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SILVA, T. T. Currículo e identidade social: territórios contestados. In: **Alienígenas na sala de aula – Uma introdução aos estudos culturais em educação.** Petrópolis: Vozes, 1995.

VELOZ, M.C.T.; SHULZE, C.M.N.; CAMARGO, B.V. **Representações sociais do envelhecimento.** Periódico: Psicologia: Reflexão e Crítica Cidade: **Porto Alegre** volume: **12** número2 data: 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721999000200015&ng=pt&nrm=iso&tlng=pt> acesso em: 31/03/2007.